

"A inteligência de uma empresa gráfica passa por perceber as adaptações que tem que fazer"

Maria João Bom, a mais recente diretora do curso de Design e Tecnologia das Artes Gráficas do Instituto Politécnico de Tomar, quer atrair mais alunos para a instituição que afirma ser a única, no ensino superior público, "a proporcionar um elevado grau de conhecimento sobre a indústria gráfica". Para além da vertente formativa sobre as atualizações do mercado, o curso aposta numa forte ligação com as empresas e com os profissionais do sector.

Como surgiu a sua nomeação para diretora do curso de Design e Tecnologias das Artes Gráficas?

Surgiu na sequência de ter terminado o meu Doutoramento, na Faculdade de Belas Artes, onde defendi uma tese subordinada ao tema "A praxis e a teoria no design gráfico de Robin Fior," um trabalho dedicado a um designer sobejamente conhecido de todos, por quem nutria uma grande admiração e que, infelizmente, faleceu pouco antes da tese estar concluída. Sou ainda investigadora integrada do CIEBA, e confesso também que quero passar ao desafio seguinte, o pós-doutoramento, que gostava de desenvolver numa área nova para mim, a dos medias digitais, onde gostava de somar duas valências, a teoria e a história do design, que tem sido o meu objeto de estudo até agora, com os novos media.

Como define atualmente a qualidade do ensino nesta área, no Instituto Politécnico de Tomar?

O curso de Design e Tecnologia das Artes Gráficas tem quase três décadas e foi criado por Guilhermino Pires, um profundo conhecedor da indústria gráfica nacional e além fronteiras. Apesar da sua relativa longevidade continua a ser o único no ensino superior público a proporcionar aos alunos uma aprendizagem em design gráfico e simultaneamente em tecnologia gráfica, disponibilizando vários laboratórios, de offset, digital, serigrafia, tampografia, tipografia e acabamentos.

A escola procurou sempre adequar o curso à realidade social e industrial envolvente, e enriquecer os seus laboratórios apesar da conturbada estrutura macroeconómica. O facto do curso incluir unidades curriculares de webdesign e multimédia, a par das tecnologias gráficas, nomeadamente o ctp, a impressão digital, o software de embalagem, o Artioscad, que é cedido anualmente pela empresa Esko, proporciona aos alunos um contacto com as atuais tecnologias usadas na concepção e produção de materiais gráficos.

O nosso curso é o único, no ensino superior público, a proporcionar um elevado

grau de conhecimento sobre a indústria gráfica, promovendo uma forte relação com as empresas em seu redor, que visita sistematicamente com os seus alunos, para que estes possam fazer upgrades regulares dos seus conhecimentos nas áreas técnicas.

A nossa licenciatura em Design e Tecnologias das Artes Gráficas é abrangente ao ponto de englobar o produto impresso, mas também o digital. Eu diria ainda que os nossos alunos estão aptos a abraçar a área criativa e a tecnológica, numa forma sem paralelo em território nacional.


Contam ainda com um mestrado em Design Editorial, têm tido procura nesta área?

O mestrado em Design Editorial está agora na terceira edição, e tem tido uma grande adesão por parte dos alunos que vão concluindo a licenciatura, ex-alunos, mas também de estudantes provenientes de outras escolas. O

I.E
Criada no âmbito do curso de Design e Tecnologias das Artes Gráficas, a revista i.E pretende aplicar, na prática, todas as potencialidades do curso. O projeto, que arrancou há mais de uma dezena de anos tendo sido interrompido após duas edições, foi agora retomado e consiste numa plataforma literária e técnica, criada com os meios existentes no IPT e com o know-how dos alunos e professores do curso de Design e Tecnologias das Artes Gráficas.

A impressão da revista, com uma primeira tiragem de 500 exemplares, utilizou verniz serigráfico, cunho e contra cunho, ambos aplicados na capa. Para além da produção gráfica, os alunos pretendiam que a revista disponibilizasse conteúdos não só em papel mas também noutra tipo de plataformas. Desta forma, o leitor só tem acesso aos conteúdos completos se aceder à revista impressa, aos canais vídeo e ao site.

Esta navegação entre plataformas é efetuada através da utilização de códigos QR que orientam o leitor de forma a que este possa complementar a sua leitura. Foi também utilizada a tecnologia de realidade aumentada que permite visualizar o making of da capa ou consultar uma galeria de trabalhos extra.



Maria
João
Bom

• Licenciada em Design de Comunicação e Mestre em Teorias do Design de Comunicação, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Maria João Bom, diretora do curso de Design e Tecnologia das Artes Gráficas, leciona desde 1999 disciplinas como Design Gráfico, Teoria do Design, Tipografia, entre outras, tendo desenvolvido, no mestrado, um tese sobre o designer Sebastião Rodrigues, por o considerar "uma referência incontornável da cultura gráfica portuguesa". Antes de iniciar atividade como docente no Instituto Politécnico de Tomar, deu aulas na ESAD das Caldas da Rainha, na Universidade de Évora e no IADE, tendo sido docente e coordenadora do curso de Design Gráfico da ESTAL, em Lisboa.

mestrado em Design Editorial é o único nesta área em território nacional e, é também abrangente como o curso de primeiro ciclo, uma vez que proporciona aos seus alunos a aquisição de valências na área da indústria editorial convencional, mas também ao nível da produção de materiais editoriais digitais.

E porque a multimédia é uma área emergente, que se encontra entre as preferências do público estudantil das áreas artísticas, criamos também um a

pós-graduação em Design Multimédia, que começou a funcionar este ano letivo, e que está a correr lindamente. Procuramos, desta forma, dar resposta às necessidades locais e nacionais. A estreita colaboração com o sector produtivo e empregador tem também resultado ainda em diversas colaborações, desde estágios, a visitas de estudo, à organização de seminários, entre outras iniciativas.

No geral, como define o ensino de Artes Gráficas, a nível nacional?

A nível do ensino superior, só existem duas escolas em Portugal que proporcionam aos seus alunos conhecimentos em artes gráficas ou, para utilizar uma expressão mais atual, nas chamadas tecnologias gráficas, a nossa e o ISEC, em Lisboa. O que se passa na nossa escola é que a rápida evolução das tecnologias em termos de equipamento e processos tem levado a grandes revoluções no mercado, e inclusive na estrutura do nosso curso. As evoluções tecnológicas, e a migração dos produtos impressos para digital, têm corrido a um ritmo vertiginoso que temos procurado sempre acompanhar.

O facto de no ensino politécnico existirem os chamados professores especialistas, uma categoria recente, atribuída aos que exercem e continuam a desempenhar um percurso profissional com mérito, permite uma maior proximidade da realidade do mercado de trabalho, aliada ao saber académico dos restantes

professores, doutorados ou em processo de doutoramento.

Exceto nestas duas instituições superiores, apenas nas escolas profissionais se ensina artes gráficas, embora de uma forma exclusivamente prática, diferente da ministrada no nosso instituto, onde se formam quadros superiores qualificados.

O número de alunos tem vindo a diminuir?

A crise financeira tem tido um efeito reverso sobre os jovens, nomeadamente sobre aqueles que pretendem exercer alguma das áreas de formação integradas na nossa licenciatura. A consciência de que concluir um curso superior já não é uma garantia de colocação profissional, está a dissuadir muitos números jovens de ingressar no ensino superior. O que não quer dizer que o investimento em educação não seja sensato, sobretudo, porque hoje em dia se conclui uma licenciatura e um mestrado no mesmo período de tempo que no período pré-Bolonha correspondia apenas à licenciatura. O objetivo passa por ter um primeiro ciclo abrangente, e um ciclo seguinte especializado, mas o que se verifica é que, apesar da oferta, o número de alunos no primeiro ciclo decresce de ano para ano.

Qual a sua opinião sobre a indústria de artes gráficas em Portugal?

Eu acredito que é uma indústria capaz de dar resposta aos desafios que lhe são colocados, e que está na linha da frente em termos tecnológicos. Considero, no entanto, que não é vanguardista, uma vez que continua a acreditar em demagogias e que resiste adaptar-se ao *zeitgeist*, isto porque a inteligência de uma empresa gráfica passa por perceber as adaptações que tem que fazer, nomeadamente perceber que oferecer exclusivamente serviços de impressão é claramente insuficiente, isto porque as tiragens megalómanas acabaram. O que se procura agora são serviços e produtos diferenciados. Se tal objetivo for alcançado então a empresa é uma vencedora.

Quais considera os pontos fracos da atividade de design em Portugal, e como podem ser melhorados?

A falta de reconhecimento do papel social que o designer gráfico desempenha, inclusivamente por parte de alguns designers. Curiosamente, este é um aspeto para o qual designers gráficos mais conscientes chamam a atenção desde os anos 60. A provar a minha afirmação está o famoso manifesto *First Things First*, da autoria do designer gráfico inglês Ken Garland, publicado no jornal *The Guardian*, em 1964. Neste manifesto Garland chama a atenção dos próprios designers para orientarem as suas competências na construção de um design responsável socialmente. Esboça ainda duas distinções fundamentais, entre



design como forma de persuasão e design como forma de comunicação, advogando que é esta última que o design deve ser. Repare-se que volvidos mais de 40 anos após a redação do manifesto, a sua mensagem continua mais pertinente do que nunca, pois continua-se a valorizar as formas mais efémeras de design, quando a incumbências de real valor social são postas para segundo plano, nomeadamente a sinalética, o design informativo, cívico, hospitalar, entre outras.

E se este equívoco se verifica entre os próprios designers, como é que podemos pedir ao cidadão comum que perceba a responsabilidade inerente à condição de um designer gráfico? É este ciclo de mal entendidos que deve ser rapidamente esclarecido, para que se possa perceber que o papel que o designer desempenha é indispensável socialmente, e não apenas um acessório.

O que se poderia fazer nesse sentido?

Para tal, seria necessário sensibilizar

CIDAG

A 3ª Conferência Internacional em Design e Artes Gráficas, organizada conjuntamente pelo Instituto Politécnico de Tomar (IPT) e pelo Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC) vai decorrer, este ano, de 22 a 24 de outubro de 2014, em Lisboa.

De periodicidade bienal, o evento tem contado com a presença dos mais reputados especialistas de empresas, universidades e escolas superiores, de institutos de I&D, a nível nacional e internacional.

Durante o encontro, que vai incluir Conferências Plenárias, Comunicações Convidadas e Comunicações Orais e em Poster, vários especialistas irão apresentar os resultados mais recentes e inovadores relativos ao desenvolvimento e à atual situação das áreas do Design e Produção Gráfica. www.cidag.com.pt

desde cedo os jovens para que estes percebessem a verdade nesta afirmação, e deixassem de olhar para o design apenas como uma atividade onde se manipulam formas, uma vez que um simples cartaz, bem utilizado, pode revelar-se uma potente arma ideológica de arremesso contra outros.

"O

papel que o designer desempenha é indispensável socialmente, e não apenas um acessório"

Apesar dessas condições, existem grandes profissionais de design gráfico em Portugal, como por exemplo Henrique Cayatte, Carlos Rocha,

José Brandão, Ricardo Mealha, Alda Rosa (uma das grandes referências no feminino). Não posso deixar de referir também Robin Fior, que foi o protagonista da minha tese de doutoramento, e que faleceu há pouco mais de um ano, ou a geração de designers que emergiram nos anos noventa e no início do novo milénio, alguns deles qualificadíssimos, aqueles que trabalham no anonimato e que contribuem diariamente para a qualidade de vida do ambiente que nos rodeia, ou os muitos e talentosos alunos que

Momentum ARTEC24

A escola de Tomar promove, de 13 a 16 de maio, o 24º ARTEC, sob o tema Momentum ARTEC24, um "simpósio de Design e Artes Gráficas", organizado anualmente pelos alunos finalistas do curso de Design e Tecnologia das Artes Gráficas. "Nestes encontros procurou-se sempre refletir sobre a vastidão dos problemas conceptuais e operativos que se colocam ao design gráfico, e mostrar o potencial das tecnologias gráficas que lhe estão associadas", conta Maria João Bom. Por este simpósio já passaram as mais proeminentes figuras do design gráfico português, algumas das quais premiadas com o chamado prémio ARTEC/Carreira, bem como representantes das mais conceituadas empresas e indústrias nacionais.

me passaram pela sala de aula, e a quem tive o prazer de conhecer.

Que conselho daria aos empresários gráficos nacionais?

Que a situação atual do país se deve também à nossa cultura industrial, ou melhor, à falta dela, de estratégia e visão, por parte de muitas empresas. Tendo em conta a nossa dimensão territorial e geográfica, temos excesso de empresas gráficas, e pouca vontade de estabelecer parcerias entre aquelas que são vizinhas. Houve inclusivamente empresas que adquiriram equipamentos de elevado custo, que não são agora, neste contexto de crise, capazes de suportar os encargos. Por outro lado, existem empresas que prosperaram a expensas das que faliram, mas tal faz parte da cultura empresarial

Hoje, mais do que nunca, as empresas têm de olhar para o cliente, não com o intuito só da transação comercial, mas acima de tudo como um parceiro de negócio. Hoje vivemos uma realidade diferente de há dois anos atrás, e os clientes têm outras preocupações, que têm de ser asseguradas pelas empresas. Só assim se consegue fidelizar os clientes e entrar na cadeia de decisão sobre o processo, materiais e formatos, para ajudar na minimização dos custos e servir o cliente sem defraudar as suas perspetivas sobre os resultados finais.

Para além de que temos hoje, em Portugal, escolas, como a nossa, com valências na preparação de jovens com capacidades para integrar o mundo de trabalho da nossa indústria gráfica. O que faz com que, apesar de tudo, continue a acreditar no nosso país, e no seu tecido empresarial, e a achar que é tão bom ou melhor do que os outros.

Que expectativas tem para os próximos anos?

Que a crise desapareça, e deixe de ser um obstáculo para os jovens investirem na sua formação superior e virem, no futuro, a ser quadros superiores qualificados reconhecidos, não apenas fora de Portugal, mas também cá dentro. Espero ainda que o número de entradas no ensino superior aumente e permita aos jovens terem orgulho na sua formação, acreditando que também é possível pensar num futuro mais próspero no seu país.

Espero ainda que os clientes, a par do crescimento económico, continuem a pedir aos nossos alunos trabalhos para diversas plataformas e suportes, a par do crescimento do web-to-print, e que as valências adquiridas nos nossos cursos, de primeiro e segundo ciclo, ou pós-graduação, possam mostrar que os nossos alunos estão no pelotão da frente e são capazes de responder a qualquer desafio que lhes seja colocado nas suas áreas de *expertise*.